

---

## Etnografia dum lugar tecnológico: o *campus* da Alameda

Jorge Freitas Branco

### Alguns parâmetros

**E**m 2003, esteve patente ao público na Cordoaria Nacional, em Lisboa, a grande exposição Engenho e Obra, onde se fez uma retrospectiva da engenharia portuguesa, ao longo do século que se fechava. Destacava-se o papel dos engenheiros como grupo social na transformação da sociedade.<sup>1</sup> O discurso centrava-se na endogeneização da inovação tecnológica (Heitor *et al.* 2003). Tratou-se também de um ato celebratório. Estas ações têm-se tornado frequentes noutros países e instituições. A patrimonialização e a monumentalização do passado tecnológico assentam nos aniversários (em especial os centenários), mas também no seu regular tratamento.

Alguns exemplos recentes merecem referência. Em Paris, duas instituições nascidas da Revolução francesa, festejaram o seu segundo centenário: o Conservatoire National des Arts et Métiers<sup>2</sup> e a École polytechnique.<sup>3</sup> O evento originou a elaboração de estudos sobre o respetivo papel tido ao longo do tempo na sociedade (Le Moël & Saint-Paul 1994; Belhoste *et al.* 1994). O museu do Conservatoire sofreu uma remodelação, passando a figurar no circuito dos grandes museus da cidade.<sup>4</sup> A Universidade Técnica de Darmstadt (TUD) aproveitou os seus mais de 160 anos de existência para editar cinco monografias e uma cronologia (Gerbautlet 2000, 2000a; Kuntzsche 1995, 1995a, 1995b, 1998), além dum resumo cronológico na internet.<sup>5</sup> O Imperial College London comemorou o centenário, também com publicações.<sup>6</sup> A École polytechnique de Montréal publicou de igual modo um estudo sobre o seu contexto centenário (Gagnon 1991). O MIT mantém na sua página da internet um arquivo institucional, com uma cronologia aberta.<sup>7</sup> Merece ainda menção o Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETHZ), onde os 150 anos do passado institucional e o seu contributo para a incorporação duma cultura técnica na sociedade

*A Engenharia no campus*  
Foto: J F Branco, 2011



helvética são tratados numa exposição virtual.<sup>8</sup> As instituições portuguesas de formação superior de engenheiros surgem no contexto da importação e adaptação das tecnologias desenvolvidas nos países que haviam protagonizado a industrialização. Por isso, só agora se completam centenários.<sup>9</sup>

Em Lisboa, criava-se em 1911 o Instituto Superior Técnico (IST),<sup>10</sup> como instituição destinada à formação superior de engenheiros. Historicamente é fruto do ímpeto de republicanização que se apoderava do país. Foi a primeira instituição universitária portuguesa a dispor de um *campus*, projetado desde 1927 e inaugurado em 1936. Um novo grupo social de vocação interventora instalava-se e reproduzia-se na capital do país.

A bibliografia é abundante no que se refere a estudos sobre a ciência laboratorial como uma construção social (Latour 1987; Knorr-Cetina 1984), sobre a vivência em ambiente tecnológico (Downey 1998) ou ainda sobre as condições sociais em que se verifica a aquisição de competência (Procoli 2001). Considerado o IST como um lugar tecnológico, onde se processa endogeneização de tecnologia e a formação técnica superior, visa-se com o presente texto fazer uma abordagem preliminar do espaço físico estruturador desse lugar.

## O campus

A atividade do IST está desigualmente repartida por dois campus: a Alameda e o Taguspark.<sup>11</sup> À exceção de alguns setores ligados à formação em engenharia informática e à gestão, tudo se desenrola na Alameda. Trata-se de um recinto situado em plena área urbana de Lisboa, ocupando uma zona com uma pequena colina. A alameda [D. Afonso Henriques] que lhe dá o nome situa-se a sul e é de construção posterior ao campus. Num dos seus topos encontra-se uma das escadarias monumentais de entrada no recinto. Transforma-se depois em avenida pedonal, culminando no pavilhão central, onde se encontram os órgãos diretivos e administrativos, anfiteatros, salas de aulas, de reuniões e o salão nobre para os atos solenes. Na sala de reuniões existem vitrinas encostadas às paredes, onde se guardam instrumentos científicos



... criava-se em 1911 o Instituto Superior Técnico ...,  
Foto: Tatiana Soares

... uma das escadarias monumentais de entrada no recinto.  
Foto: Tatiana Soares



antigos. Neste edifício encontram-se ainda: filiais bancárias, um bar, uma livraria.

Construído sobre a colina, o pavilhão central é envolvido por outros, que se distribuem por todo o recinto, de forma que é a massa edificada a imprimir um visual ao *campus*. Logo num primeiro reconhecimento feito pelo recinto, apercebe-se o visitante de tensões geradas naquele espaço. Se na origem a parte ajardinada envolvia todos os edifícios, ficando estes separados uns dos outros, com o tempo a situação inverteu-se. As edificações multiplicaram-se, à custa dos ajardinamentos, outras cresceram em altura, quase todas viram o seu interior alterado, duplicando-se o espaço útil coberto. Levantaram-se duas torres que nascem do pátio interior em dois antigos pavilhões. Provocam rutura visual no *campus*.

Revestidas a vidro, contrastam com o betão dos edifícios primitivos, cuja tonalidade domina ainda os exteriores no recinto. Os 16 andares representam um manifesto contra tudo o que as envolve: cor, panorama, perceção do espaço, organização do quotidiano, quadro de produção e de transmissão do conhecimento. Com as duas torres o *campus* da Alameda passou a ter uma *skyline*, ganhando dimensão metropolitana. Durante décadas essa dimensão foi só urbana, porque o *campus* era concebido como um refúgio destinado a acolher aqueles que iriam transformar o país. Desapareceu o que dissimulava o *campus* no tecido urbano.

Como conjunto, o *campus* resulta de soluções sucessivamente equacionadas, que traduzem a dinâmica gerada entre os departamentos instalados nos edifícios. Desde o início do recinto (1936), e por décadas, os ajardinamentos constituíam o espaço comum produtor da identidade IST. Reduziam-se, à medida que se incrementava a área edificada. Por último, são de novo afetados pela expansão do estacionamento que passa a ser o fator determinante naquela paisagem. A concentração de veículos estacionados transformou as áreas comuns do recinto. Predominam o negro do revestimento alcatroado das faixas de circulação e o brilho da chapa dos automóveis. Precarizou-se a circulação pedonal, que se faz em função dos carros imobilizados. Nos exteriores está-se em trânsito, não se permanece. Visto nesta perspetiva, o *campus*



... no pavilhão central, onde se encontram os órgãos diretivos e administrativos, anfiteatros, salas de aulas, de reuniões e o salão nobre para atos solenes.

Foto: Tatiana Soares

afirma-se pelos volumes em expansão que nele se manifestam: de gente a caminho, de automóveis, de postos de trabalho.

Dos parâmetros descritos deduzem-se hierarquias sociais: o espaço dispensado a cada indivíduo aumenta de acordo com uma escala assente em valores que se adivinha existirem. Os que chegam e estacionam, dirigem-se depois para um local fixo dentro dum edifício. Estão-lhes adscrita uma porção de território, o que não sucede à maioria da massa humana que se movimenta a pé.

Passem-se em revista departamentos e as edificações que os acolhem.

À entrada, que se encontra diametralmente oposta à alameda, acede-se também por uma escadaria com monumentalidade contida. Enquanto pela frente temos as traseiras do pavilhão central, à esquerda está um edifício recente, de início dos anos 90. Ocupa um espaço lateral conquistado aos ajardinamentos. Trata-se duma construção que sendo estendida quebra a tendência cubiforme dos pavilhões primitivos. O seu interior é constituído por um grande *hall* central desimpedido até ao teto, de forma a verem-se os corredores de circulação nos andares superiores, que lhe fazem o perímetro. No rés-do-chão concentra--se o convívio. Existe um espaço de restauração, com o self service e o bar, mesas com cadeiras, outras para consumo de pé. Aqui o público estudantil consome, conversa, neutraliza tempos de espera; os fumadores estão em minoria, o rácio entre sexos aparenta ser equilibrado, alguns casais namoram. O ruído ambiente resulta das vozes e do som debitado por um televisor. Nisto se denuncia um modo de convívio difundido em países ditos do sul e inusitado em locais idênticos na Europa Central ou do Norte. Há passagem para uma esplanada ao ar livre, quase sempre ocupada. Embora o espaço não seja exclusivo para um grupo de utentes, os estudantes são os frequentadores, que ali se impõem. Outras pessoas que ali vão, por exemplo docentes, consomem e não se detêm. Ali, o convívio é dos jovens.

Ao contrário de que se observa noutras latitudes, o número (visível ou audível) de estudantes de proveniências presumidas longínquas é baixo. A internacionalização é uma palavra de ordem que agita o meio universitário português.

*... um grande hall central desimpedido até ao teto, de forma a verem-se os corredores de circulação nos andares superiores, ...*  
Foto: Tatiana Soares



Muitos cartazes disso dão conta, ao anunciar eventos científicos nos quatro cantos do mundo; naquelas paredes divulgam-se espetáculos e outras distrações.

Da leitura feita do espaço, extraíram-se hierarquizações derivadas da sua distribuição. A essas, acrescenta-se agora outra, a da hegemonia estudantil manifesta nas áreas de convívio. No *campus* há uma repartição consentida e localizada de poderes.

Resultando do declive do terreno, existe um piso inferior, onde funciona um centro de reuniões e de congressos. A este setor compete também manter um núcleo museológico respeitante ao IST no seu todo, existindo espólio acumulado.

O edifício que se descreve alberga o Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura,<sup>12</sup> para além do de Engenharia de Materiais.<sup>13</sup> No rés-do-chão encontra-se um espaço identificado como museu. O olhar do visitante prende-se aos modelos expostos, que permitem compreender a obra em barragens, pontes, caminhos de ferro. É a artefactualidade própria da preparação das obras públicas. Um programa museológico que suscita a reflexão sobre o papel do estado na sociedade e no desenvolvimento duma especialidade.

Percorrendo os outros pisos repetem-se as salas de aula, os gabinetes dos docentes e alguns secretariados, tudo em paredes envidraçadas. Dado que o edifício foi terminado em 1993, nota-se no seu arranjo uma preocupação de integrar património anterior. Tanto em gabinetes, como nalguns corredores vêem-se peças do mobiliário antigo, uma recordação das anteriores instalações no pavilhão central. Na continuação da observação do espaço IST verificar-se-á que na origem o mobiliário era homogéneo. Nalguns corredores laterais, de menor circulação, encontram-se instrumentos para demonstração da resistência de materiais, conforme o leigo depreende da informação apensa. São artefactos caídos em desuso, talvez aguardando incorporação em inventário museológico. As vidraças que substituem as paredes dão dupla transparência ao interior dos gabinetes. O visitante, quer seja investigador, estudante ou pessoa de outro estatuto que por aqueles corredores se desloque, pode em simultâneo informar-se



... a hegemonia estudantil manifesta-se em áreas próprias.  
Bar na Associação dos Estudantes, fins de julho.  
Foto: Tatiana Soares

... nalguns corredores vêem-se peças do mobiliário antigo ...  
Foto: Tatiana Soares



nas tabuletas do nome dos docentes e verificar as pessoas lá presentes naquele momento. Este pormenor chama a atenção, porque em outras instituições, optou-se por vidraças translúcidas. Este gesto de abertura ao exterior talvez afete a concentração dos seus ocupantes, mas permite familiarizarmo-nos com o ambiente de trabalho propriamente dito: prateleiras carregadas de livros, plantas e cartazes cobrindo as paredes, adivinha-se uma mesa, porque se vê um monitor, há cabos elétricos à vista. A posição do docente (m/f) quando sentado, advém de vários fatores: a localização do colega, a economia do espaço, a orientação da luz, a sua tolerância em relação à circulação no corredor, o tempo passado no gabinete, a quantidade de material que quer ter ao alcance da mão.

No interior deste edifício – e dos restantes – a afetação do espaço obedece a dois critérios: um é funcional, o outro traduz hierarquia. O primeiro revela-se na localização das salas de aula. Ficam numa primeira fila rente ao corredor interior, aquele que serve de varanda para o grande *hall* central, enquanto os gabinetes situam-se numa segunda fila paralela à anterior e mais resguardada do reboliço e com janelas para o exterior. É na comparação da informação afixada sobre as pessoas que se fazem notar níveis de diferenciação por especialidade (engenheiros e arquitetos) e por categoria (professores e outros docentes). A maioria dos gabinetes é ocupada a dois, salvo exceções de uso individual.

Resta o último piso e a cave do edifício. No cimo desfruta-se uma visão panorâmica de Lisboa, insuspeita para o cidadão comum. Deste ponto de observação sente-se o entrosamento do *campus* no meio urbano. O que em baixo parece mais distante, porque sempre fora do alcance da vista, ali afiguram-se como edifícios à mão de semear. Vista dali, a cidade condensa-se.

No piso térreo, o visitante é surpreendido por um espaço desafogado, onde está instalado um grande laboratório. Contrasta com o aperto visto nos pisos superiores. Um grande vão, onde se encontram motores, gruas e demais monstros mecânicos, tendo entre si instrumentos de comando e de medição: o senso comum em termos de imagem de engenharia. Naquele momento tudo repousa. O edifício alberga um



... o grande *hall* central, ...  
... uma visão panorâmica de Lisboa, insuspeita para o cidadão comum.

Fotos: Tatiana Soares



departamento formado por cerca de 150 docentes. Foi uma construção de raiz. Para além de engenharia civil, a eletricidade, a química, a mecânica e minas foram as engenharias criadas desde o início da instituição, em 1911. Em 1936, com a mudança para este *campus*, a situação manteve-se. Todos à exceção de civil dispuseram de pavilhões próprios.

Do antigo pátio interior de eletricidade cresce por 16 pisos um edifício, finalizado em 1994, denominado Torre Norte. Faz parêlha com outro que lhe fica em frente, a Torre Sul, terminada em 2000.<sup>14</sup>

No seu interior reinam dois ambientes. Nos pisos inferiores correspondentes à construção primitiva passa-se por salas de pé direito alto, entretanto aproveitadas para a instalação de um piso intermédio. Amplia-se a área, compacta-se o espaço, Para quem olha dos corredores, a solução faz lembrar o interior de um submarino. Nos patamares das escadarias e nos respetivos vãos mantêm-se alguns bancos corridos de tempos volvidos, guardam-se mostruários e um ou outro armário antigos. Nalguns casos o seu estado faz suspeitar de serem réplicas. Sobrevivem relógios parados incrustados na parede, da época em que os de pulso eram para uma vida. Só pelos elevadores se entra na torre, pois os elevadores servem de crivo (mas existem escadas de emergência). Nem todos os andares são de livre acesso, uma chave aplicada nos botões do ascensor regula as permissões. À medida que se sobe, ganha-se uma perspetiva da cidade, que nem do cimo das suas colinas será possível desfrutar. Ainda não se tinham visto zonas condicionadas.

Apesar do relativo desafogo visual que a construção em altura propicia à maior parte dos postos de trabalho, tanto científicos, como administrativos, ou precisamente por isso, a apropriação do espaço acaba por ser um *leitmotiv* na conversa que mantemos.

Neste Departamento de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores constituído por cerca de centena e meia de docentes, a descompressão conseguida em altura não bastou, uma vez que uma parte das atividades foi deslocada para o Taguspark. Alguém observa tratar-se da *reboleirização*<sup>15</sup> do sítio.

Abandonada esta torre, passando ao pavilhão de mecânica I, que pela designação logo se



*Sobrevivem relógios parados incrustados na parede ...  
Foto: Tatiana Soares*

antevê ser um departamento espalhado por vários edifícios. Percorrendo os corredores repete-se o panorama da duplicação do espaço pelo método da sua divisão na altura, com escadas ao estilo dos navios. Sucedem-se laboratórios, onde se adivinha decorrerem materializações (agora virtuais) de processos intelectuais. Nas áreas de circulação arrumaram-se alguns artefactos mecânicos não (imediatamente) identificáveis, como a turbina de um avião vista perto do Laboratório de Simulação em Energia de Fluidos.

Prosseguindo pelos pavilhões de mecânica mantém-se a mesma forma de produção de espaço. Em algum momento descobre-se um pequeno edifício isolado, com aparência de estar devoluto. Nele funcionou uma oficina de serralharia, entretanto desativada. Existiu também uma oficina de carpintaria, entretanto também desmontada e retirado o seu recheio. Só resta ainda a oficina de vidro, com um soprador, para a química.

Seguem-se mais pavilhões com as restantes mecânicas: II, III, IV. São um conglomerado entre os primitivos e os sucessivos acrescentos; repetem-se as duplicações de pisos. Varia muito o seu estado de conservação. Coexistem com construções de recurso, onde se desenvolveu a informática I, II, III. Pelas instalações fica-se com a ideia de que existem especialidades em alta, enquanto outras estagnam ou entram em declínio. Em algum momento em que se transita entre edifícios, por interiores de pisos duplicados, se atravessam corredores labirínticos e se retrocede, porque outros são becos, suspeitam-se tetos falsos, feitas tentativas quase sempre vãs para identificar vários objetos mecânicos fora de uso, fica o proveito da informação densa afixada pelas paredes (de teor letivo e científico que por pouco deixa oculta a da segurança).

Ao fundo de uma escada, junto a uma saída secundária divulga-se informação sobre a licenciatura de aeronáutica. O curso é recente e pequeno, conforme se verifica pelas pautas.

No lado sul do *campus*, oposto ao pavilhão de civil, existem vários edifícios construídos a partir da década de 60 e que subtraíram espaço aos jardins primitivos. Marcam uma fase de aumento de instalações para acolher e institucionalizar



... como a turbina de um avião vista perto do laboratório ...

Fotos: Tatiana Soares





a investigação. O mais antigo é o Complexo Interdisciplinar: no interior, repetem-se os avisos de perigo, as chamadas de atenção para proteções, os cheiros anunciam laboratórios químicos. Aqui a maquinaria tem cofragens volumosas e ventiladores de grande dimensão; parte deles não cabe nas divisões, escapando para fora mostradores e tubagens. Há o ruído do seu funcionamento continuado. O espaço torna-se escasso para as pessoas, porque os equipamentos adquiriram soberania. Nos patamares arrumam-se máquinas de grande porte, não se sabe se aguardando vez de serem instaladas ou se já desafetas ao serviço. As caves são grandes, estão ocupadas com gente, aparelhos, mesas improvisadas com computadores, arrumações infundáveis. À mente do leigo vem a ideia de que ali nada se deita fora, nada se reaproveita e nada se recicla. Certas divisões podem ser confundidas com áreas imaginadas como pré-reservas museológicas. Entre gente e equipamento não se sabe o que prevalece.

Ao lado, a matemática não faz parte do império da máquina. As pessoas estão nos gabinetes, em frente aos computadores pessoais. Há espaço e condições cuidadas de convívio. Os corredores estão desafogados. Há quem note e se surpreenda com o deambular de estranhos, não sendo estes estudantes. Um professor nativo esclarece que a matemática fornece os fundamentos da linguagem para as outras ciências. Fica a dúvida: ele referia-se à realidade naquele *campus* ou à ciência em geral? O departamento é grande, tem cerca de 110 docentes. No *site* foi colocado um documento extenso sobre a história do departamento. Fica a suspeita de que os matemáticos se debateram mais com o passado da sua disciplina do que os outros ramos de conhecimento representados no *campus*.

Quase pegado está o Edifício ciência, que alberga o Departamento de Física e vários centros de investigação. Com cerca de 70 docentes, nem sequer está entre os maiores, mas a sua atividade transbordou do *campus*, obrigando-os a instalar setores de pesquisa num prédio de apartamentos do lado oposto, na rua Alves Redol. Aqui reina um movimento intenso de pessoas em volta de gabinetes e salas de reunião, tudo num espaço que foi concebido para habitação. Pelo clima que se presente, ganha-se



... no interior, repetem-se os avisos de perigo, as chamadas de atenção para proteções, os cheiros anunciam laboratórios químicos ...

Foto: Tatiana Soares

a sensação de que investigação e gestão da ciência são duas vertentes duma mesma questão, em que a segunda prevalece. Mais tarde teremos acesso a uma das caves do edifício, na origem concebida como uma grande garagem. Foi adaptada e ali em pleno centro da cidade, naquele subterrâneo funciona uma sala limpa,<sup>16</sup> ocupando cerca de 500 m<sup>2</sup>. É um espaço de produção, cujo resultado se concretiza a uma escala invisível à vista humana. Através de paredes envidraçadas observa-se o trabalho feito no interior, onde as personagens envergam roupagens que recordam escafandros brancos. Circulam entre inúmeros monitores. Cá fora ouvem-se os aparelhos de climatização.

Neste périplo pelo *campus*, presenciaram-se até aqui dois tipos de representações da atividade técnica: as visíveis, como a mecânica e as imateriais, como a matemática. A sala limpa proporciona um terceiro, que é material, mas invisível à vista desarmada.

Encravado entre os pavilhões da informática, encontra-se uma construção recente, que serviu para transformar um anterior pátio interno aberto numa área coberta, onde se instalou o Departamento de Engenharia e Gestão. Espaços pré-fabricados envidraçados e climatizados. Esta unidade que representa as ciências sociais num mundo feito à imagem dos engenheiros, está em mudanças. Novas instalações desafogadas espera-os no Taguspark. Lá estarão com os engenheiros informáticos.

Em conversa, fala-se da imagem profissional e do papel dos engenheiros. Já me havia iniciado na questão com bibliografia sobre este grupo profissional (Grácio 1998, Rodrigues 1999) e na perspetiva duma cultura laboral (Downey 1998). Retive algumas características da carreira do engenheiro: no início é a formação tecnológica, depois descobre a gestão, finalmente a gestão torna-se-lhe decisiva, porque a tecnologia está em constante evolução.<sup>17</sup> O meu interlocutor menciona duas fases na empregabilidade dos engenheiros em Portugal: primeiro foi a atividade comercial, representando marcas estrangeiras, posteriormente veio a engenharia de serviços.

Em torno da Torre Sul – também chamada Torre da química – estão os domínios da química e de minas. Atualmente o departamento



... a sua atividade transbordou do *campus*, obrigando-os a instalar setores de pesquisa num prédio de apartamentos do lado oposto, na rua Alves Redol.

Foto: Tatiana Soares

designa-se de Engenharia Química Biológica. Todos são unânimes em considerá-lo desde sempre como o setor mais feminino dentro do IST.

Uma visita ao Laboratório de Águas traz mais elementos para a questão do género num lugar técnico. Embora tenha estatuto independente – é uma unidade de prestação de serviços com 40 funcionários –, pelo seu passado, o laboratório constitui parte integrante do *campus*. Tem direção feminina que confirma a tradicional presença e depois mesmo prevalência de mulheres na química que, conforme é dito, resulta da perícia de mãos necessária na bancada do laboratório. A organização interna do espaço deste laboratório não tem paralelo em todo o recinto. Naquela iniludível escassez de espaço – repete-se o efeito de submarino já antes referido – a implantação estudada até ao último pormenor tenta contrariar a exiguidade das instalações. Não se veem cabos soltos, suportes enferrujados, tampos gastos ou aparelhos abandonados à sua sorte. Houve preocupação em integrar a estética na vida laboratorial.

Saída da química, mas inserida no pavilhão de minas, nasceu em princípios de 70 a engenharia metalúrgica, hoje denominada engenharia de metais, instalada atualmente no pavilhão de civil. São departamentos pequenos, menos perceptíveis na luta pelo espaço dentro do *campus*.

Como ficou referido, o pavilhão de minas faz parte das instalações iniciais. Percorrendo salas e corredores sobressai a importância atribuída à componente museológica, nas vários



*Uma visita aos laboratórios químicos traz mais elementos para a questão do género num lugar técnico.*

*Foto: Tatiana Soares*

configurações que a designação pode adquirir. No discurso dos seus responsáveis a questão do espaço é equacionada em termos do desenvolvimento deste setor, pelo potencial contido de chegar ao grande público. Minerais, réplicas, instrumentos científicos, modelos, esqueletos de animais exóticos, assim se caracteriza um espólio recolhido em tempos imperiais: cobre a então metrópole e as colónias. O acervo espalha-se por várias salas, algumas assim destinadas desde a inauguração das instalações. A situação é única no *campus* e é atreita a fomentar cobiças.

Outra das pequenas unidades é a secção autónoma de engenharia naval. Encontrou acomodação num dos pavilhões de mecânica, onde surgiu em meados dos anos 70, exterior às engenharias historicamente implantadas no *campus*.

## O campus como lugar tecnológico

Objetivo do presente texto é a caracterização da dinâmica espacial, que se configura no campus do IST.<sup>18</sup> É uma dinâmica setorial, que se forma, se consolida e esmorece articulada com uma outra, a das relações estabelecidas entre domínios científicos e engenharias instalados no campus. A sua apropriação implicou a colocação de pisos intercalares (duplicação de áreas internas), a redução dos ajardinamentos (expansão horizontal), o aumento em altura (expansão vertical), finalmente, a divisão da célula inicial (Taguspark).

Neste processo refletem-se vários protagonismos, orientados pela busca de respostas para ações concretas de endogeneização de tecnologias. O *campus* pode ser equiparado a uma plataforma recetora da inovação que, depois de aclimatizada, foi disseminada pelo país.

Naquele espaço constituiu-se uma sociedade masculina. Batizaram-se anfiteatros, salas e laboratórios, a fim de invocar o fundador (Alfredo Bensaúde) e outros antepassados, olhando-os como exemplos na missão de transmitir conhecimento.

Coabitam vivências diferentes, designadas de corpos. Os professores fazem ali carreira toda a vida. Salvo algumas exceções, foram recrutados entre os ex-alunos, o que constitui elemento fundamental na formação de um espírito de corpo.

A especificidade dum lugar tecnológico depende da resposta possível de dar a como professores, estudantes, funcionários e *alumni* olham o tempo e o espaço: o *campus* como ele é vivido e guardado em memória pelos diversos corpos.

Taguspark, Oeiras: Em primeiro plano o edifício IST, inaugurado em novembro de 2000.

Foto: J F Branco



- 1 Desejo expressar o meu agradecimento às seguintes pessoas pelas entrevistas e restantes contactos a que se dispuseram: professores A. Jorge de Sousa, Carlos Alves, Carlos Guedes Soares, Dinar Camotim, Fernanda Margarido, João Branco, João Paulo Teixeira, Luís Aires-Barros, Luís Viseu Melo, Madalena Lourtie, Manuel Francisco, Manuel Marques Alves, Manuel Pereira de Freitas, Paulo Correia, Paulo Freitas, Pedro Flores, Yordan Garbatov; doutora Maria Cândida Vaz, eng.<sup>a</sup> Fátima Rodrigues e a funcionária Leonor Regateiro.  
O conteúdo do texto é, no entanto, da minha inteira responsabilidade. De igual modo, torno público o meu reconhecimento pela colaboração prestada pelo grupo de consultores: professores Carlos Matos Ferreira (então presidente do IST), António de Carvalho Quintela, Bernardo Jerosch Herold, Luís Aires-Barros, assim como pelos *alumni* António Redol e Fernando Valdez.
- 2 Disponível em: <http://www.cnam.fr/>, acedido em 2007/08/16.
- 3 Disponível em: <http://www.polytechnique.fr/>, acedido em 2007/08/16.
- 4 Disponível em <http://www.arts-et-metiers.net/> ©2007, Musée des arts et métiers, acedido em 2007/08/16.
- 5 Disponível em <http://www.tu-darmstadt.de/tud/geschichte.tud>, acedido em 2007/08/17.
- 6 Disponível em <http://www.imperial.ac.uk/centenary/default.shtml>, © Imperial College London, acedido em 2007/08/17.
- 7 Disponível em <http://libraries.mit.edu/archives/mithistory/index.html>, acedido em 2007/08/17.
- 8 Disponível em <http://www.ethistory.ethz.ch/>, © 2007 ETH Zürich , 20.1.2006, acedido em 2007/08/17.
- 9 A Escola Superior de Engenharia do Porto (ISEP) editou uma obra impressa de cariz representativo sobre os 150 anos da sua existência (Santos, V. 2005); nem sempre os seus diplomados foram considerados titulares de formação superior.
- 10 Disponível em <http://www.ist.utl.pt/html/instituto/>, ©2007, Instituto Superior Técnico, acedido em 2007/08/17.
- 11 O Taguspark, também designado Parque de ciência e tecnologia, fica em Oeiras, a cerca de 15 quilómetros da Alameda.
- 12 Disponível em: <http://www.civil.ist.utl.pt/>, acedido em 2007/08/18.
- 13 Disponível em: <http://www.demat.ist.utl.pt/>, acedido em 2007/08/18.
- 14 Olhando ambas as construções é impossível não deixar de refletir sobre o modo como em locais diferentes surgem soluções arquitetónicas que proporcionam efeitos visuais similares. Ao olhar as *torres do Técnico*, como elas são conhecidas, vem-me à mente o ex-edifício da Narwa em Oberbaum City, em Berlim ([http://www.hvbimmobilien.de/projekte/aspekte\\_1000091.html](http://www.hvbimmobilien.de/projekte/aspekte_1000091.html)). Enquanto neste último caso se trata de um reaproveitamento, com aumento de pisos, no *campus* é uma edificação que nasce do pátio interior do velho pavilhão, incorporando-o. Em ambos os casos a solução criou nos respetivos contextos uma imagem de marca, que extravasa os recintos em que se insere, constituindo uma intervenção decisiva no espaço urbano circundante.
- 15 A Reboleira é uma freguesia da Amadora, situada a oeste na Área Metropolitana de Lisboa, caracterizada pela densidade da construção residencial, feita em desrespeito de qualquer plano diretor urbano.
- 16 Disponível em: <http://www.inesc-mn.pt/infrastructure.htm>, acedido em 2007/08/18.
- 17 Esta observação terá sido feita pelo eng. L. Mira Amaral, professor no departamento e ex-aluno do IST.
- 18 Algumas coordenadas físicas do *campus* da Alameda são dadas como desconhecidas. Várias fontes orais abordadas coincidem em não existirem as plantas do tempo da construção. Autor do projeto foi o arquitecto Porfírio Pardal Monteiro (1897–1957), que deixou obra vasta na cidade de Lisboa.

